

**MARQUESA DE ALORNA: A ENCLAUSURADA DA DOR.** Carla Alves de Carvalho. – Inter-  
áreas – Letras- Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis.

Viveu 89 anos D. Leonor de Almeida de Portugal Lorena e Lencastre, e com apenas oito anos de idade foi enclausurada no Convento de S. Félix, em Chelas<sup>1</sup>. Isso ocorreu, porque seu pai, o segundo Marquês de Alorna, havia sido acusado de ter contribuído no atentado contra D. José, e, naquele tempo (1758), adotava-se a medida de punir também os parentes dos inculpatos, por causa do parentesco. Somente o irmão mais novo da Marquesa, D. Pedro, de quatro anos, ficou livre de tal pena. Apenas dezoito anos depois da clausura, aos vinte e seis anos, a Marquesa pôde gozar a liberdade, quando D. José faleceu, em 1777, e, depois disso, continuou tendo uma vida cheia de surpresas desagradáveis e humilhantes.

No tempo da clausura, poetisas e intelectuais freqüentavam o locutório, principalmente quando as enclausuradas começavam a amadurecer. E foi em Chelas que a Marquesa recebeu o título arcádico de Alcipe, dado pelo Padre Francisco Manuel do Nascimento (Elísio). O Dr. Ferreira Barroco (Albano) era quem mais deixava a Marquesa admirada. Porém, ainda convivía com outras grandes personalidades, como o Dr. Inácio Tamagnini (o sábio Alceste), Fr. Alexandre da Silva (Sílvio), futuro tio de Garret e bispo de Angra, Fr. José do Coração de Jesus (Almeno), Correia Garção (Corydon) e Domingos Maximiano Torres (Alfeno). Mesmo convivendo com homens nobres e pastores da Arcádia Lusitana, sua formação vai além das tendências de que esteve bem próxima. Escreveu muita coisa que fugiu à regra arcádica, acabando por aproximar-se do estilo romântico. Apesar de não acreditar totalmente na eficiência prática da ciência, quando saiu de Chelas, escreveu um soneto “A Robertson, subindo em um balão e descendo no pára-quebras”, onde demonstra extrema admiração pela eficácia dos conhecimentos de física e sua aplicação prática para a evolução das técnicas humanas.

Concordava com os pensamentos de Rousseau, e ia contra os que o ridicularizavam; sentia compulsão pelo *DISCOURS Préliminaire*, da *Encyclopédie* de Alembert, e era uma mulher cheia de interesses pela coisa pública e pelas novas idéias, algo muito raro na época.

No convento de S. Félix, a Marquesa de Alorna escreveu vários sonetos, os quais nos revelam o espírito da poetisa e seus desabafos. Em alguns sonetos, nota-se certo romantismo, como muita melancolia e tons fúnebres, o que, muitas vezes, leva alguns críticos a classificá-la como “pré-romântica”. Porém, sua poesia possui grandes traços clássicos: a forma de soneto, a presença abundante de mitologias clássicas e sua apreciação da razão.

Escreveu seu primeiro soneto com 15 anos: “Feito na cerca de Chelas”. Talvez por ser o primeiro, é de qualidade inferior aos que vêm adiante, como o “Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia de ser feliz”, que lembra muito os sonetos camonianos, pois, além da forma primorosa, trata de um tema universal: esperanças e desenganos.

Em 24 de fevereiro de 1777, quando livre, não lhe faltaram pretendentes, mas foi o Conde de Oeynhausen o preferido da Marquesa. Casou-se contra a vontade de seus pais, e talvez o tenha escolhido pelo fato de ele ser diplomata, possibilitando-lhe, assim, viajar e conhecer o mundo. Isto realmente aconteceu, causando grande dor em seus pais e principalmente em sua mãe, pois, em 1801, o Conde foi enviado para Viena, capital da Áustria. Logo em seguida, passaram pela Espanha, na Corte de Carlos III; pela França, onde trocou a Condessa palavras com madame de Staël.

No entanto, mesmo longe da clausura, a Marquesa de Alorna continuou tendo uma vida cheia de transtornos, tanto na parte espiritual e financeira, quanto em seus envolvimento políticos. Escreveu, em liberdade, sonetos ainda melancólicos, alguns, até, semelhantes aos escritos em Chelas, cheios de dor e desenganos, como: “No dia 24 de Julho de 1834, estando muito doente”, onde diz não mais querer viver neste mundo.

A Condessa ficou viúva aos 43 anos, e, nessa época, tinha cinco filhos menores. Sua situação financeira era decadente, pois mal havia meios para a subsistência. Porém, era forte, e, se lhe faltavam matérias, buscava enriquecer cada vez mais seu espírito. Havia aprendido o alemão e também conhecia a língua inglesa, a francesa, a italiana e o latim. E sempre buscava mais conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Informações tiradas do prefácio do livro *Poesias de Marquesa de Alorna*, de Hernani Cidade, Lisboa: Sá da Costa, 1941.

Traduziu muita coisa, como *A Primavera*, de Thomson, *Solidões*, do alemão Cronegk e chegou a traduzir uma parte do poema *Oberon*, de Wieland. Foi ela quem estimulou o interesse de Alexandre Herculano pela poesia e literatura histórica alemã. Também aproveitava seu tempo pintando.

Depois de viúva, D. Leonor de Almeida é exilada de Portugal. Pode ser encontrado, em uma de suas *Memórias*, o seu interesse de combater o Império de Bonaparte, pois não se conformava com Portugal sendo submetido às invasões francesas. Em Londres, onde ficou exilada<sup>2</sup>, sua situação econômica ainda era pior, e é lá que escreve algumas de suas tristezas, lamenta estar em terra estranha, de que não gostava, pela falta de sol e por haver muitas indústrias. Foi na Inglaterra que a Marquesa de Alorna escreveu o soneto: “Às minhas filhas, longe delas, em Inglaterra e doente”, onde confessa às filhas:

*Não tem havido mal que eu não suporte;  
O fado contra mim tudo provoca.  
Desfalecido o peito, a voz já rouca,  
Em vão invoco um ser que me conforte.*

*Adeus, queridas filhas! Chega a morte;  
Ouço a trombeta que um arcanjo emboca,  
Na eternidade o tempo se me troca,  
E pela Tumba fria a Pátria, a Corte.*

A Marquesa de Alorna escreveu suas poesias utilizando as mais diversas formas de poemas, compôs cantigas, idílios, odes, epístolas, sonetos, quadras glosadas, sextilhas, oitavas, canções, cantatas, elegias e hinos. Neste trabalho, que corresponde à segunda etapa da pesquisa, nós nos deteremos apenas nos sonetos da artista, pois na etapa em que o trabalho se encontra ele é o veículo mais coerente para demonstrarmos como os sentimentos transtornados e tumultuados da poetisa são contidos e organizados por essa forma poética que sugere a racionalidade.

As outras formas poéticas que foram utilizadas pela escritora serão trabalhadas na terceira etapa da pesquisa, e, por meio dessas outras formas que são diversas, tentaremos identificar traços de uma escrita essencialmente feminina, mas ainda intimidada pela maneira predominantemente masculina de expressão e de interpretação do mundo e dos sentimentos, da mesma forma como fizemos na primeira etapa da pesquisa, que tinha como base a comparação dos sonetos da Marquesa de Alorna com os da poeta Florbela Espanca, e como estamos fazendo no presente momento da pesquisa, dando ênfase a uma forma especial de sentir, de enxergar e de interpretar o mundo partindo do universo lírico do eu-poético.

### **Referências Bibliográficas**

ALORNA, M. de. *Poesias*. 2. ed., Lisboa: Sá da Costa, 1960.  
CIDADE. H. Marquesa de Alorna (poesias). Lisboa: Sá da Costa, 1941.

**Bolsa:** FAPESP

---

<sup>2</sup> Depois do exílio, a Marquesa voltou para Portugal, onde morreu, miserável, em 1839.